

Chrysanthème: imagens da Belle Époque carioca sob olhares argutos e argüentes

Profa. Dra. Maria de Lourdes de Melo Pinto¹ (Unesa / ISE-Faetec)

Resumo:

*Como introdução, devemos apresentar a questão norteadora que nos guiou nesta pesquisa: Quais seriam as possíveis imagens do Brasil da Belle Époque a partir do olhar de uma cronista no jornalismo dessa época? A pergunta inicial nos levou à delimitação do campo de observação, apontando para a obra da Sra. Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, autocognominada Chrysanthème, figura de notável expressão nos periódicos das primeiras décadas do século XX na capital da República Velha. A metodologia empregada foi a de pesquisa biobibliográfica nos acervos das Bibliotecas Nacional, de Imprensa e da Academia Brasileira de Letras e do Arquivo Nacional, o que veio a descortinar publicações as mais diversas, a saber: **O Paiz**, **Correio Paulistano**, **Diário de Notícias**, **Gazeta de Notícias**, **Mundo Literário**, **Ilustração Brasileira** e **Única**, datadas entre o período de 1914 e 1948. Após a detida leitura dos escritos catalogados, chegamos à conclusão de que além do esforço por trazer a lume uma figura feminina de tamanho valor no panorama histórico-literário brasileiro, permitimos o contato das novas gerações com imagens mordazes e desafiadoras sobre um período de intensas transformações culturais, sociais e políticas de nosso país.*

Palavras-chave: Chrysanthème, Belle Époque, Rio de Janeiro, Crônica.

Introdução

Não podemos mais ver, mas podemos ler e não deixar esquecer, uma figura que nos legou mais de mil escritos nas páginas dos periódicos de Rio de Janeiro e São Paulo: *Chrysanthème*, autora que nos brindou com anos de produção literária.

O nascimento a marcou, não apenas pelo estigma do sexo feminino, como os mais apressados podem imaginar, mas, principalmente, pelo impacto com a realidade que a aguardava e que nunca a satisfaria por completo. Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, esposa de Horácio Rebelo de Vasconcelos, filha de Emília Moncorvo Bandeira de Melo e Jerônimo Bandeira de Melo, neta do Dr. Carlos Honório de Figueiredo e D. Emília Dulce Moncorvo de Figueiredo, avós maternos.

Convém lembrar que, mesmo carregando o sobrenome paterno, Cecília acaba aproximando-se muito mais de sua ascendência materna, por encontrar na genitora a confluência de idéias e de posturas de que necessitava. De qualquer maneira, as duas já seriam suficientes para se bastar e para marcar presença na produção lítero-intelectual carioca. A mãe ficou conhecida como Carmem Dolores, apesar de ter-se utilizado de outros pseudônimos (Júlia de Castro e Leonel Sampaio, por exemplo) enquanto, a filha adotou o nome de *Chrysanthème*. (MENEZES, 1978) Ademais os nomes reais ou fictícios, o compromisso familiar, as convenções sociais, nada as unia com mais força que as letras: havia paixão em seus escritos, havia mesmo um fio condutor cosendo suas tramas na melhor tradição da memória feminina.

Chrysanthème nasce no Rio de Janeiro, iniciando sua vida lítero-jornalística, em *A Imprensa*, no ano de 1907. Transcrevemos a seguir fragmento de uma das crônicas localizadas em *A Imprensa*, demonstrando como *Chrysanthème*, desde os primórdios, mantém a preocupação com os sofrimentos humanos:

Ah! Meu Deus! Meu Deus! Era a dor humana! A dor Eterna! Eram os soluços das mães que perdiam seus filhos naquele dia. Eram as queixas dos pais que não tinham pão para naquele radioso dia dar para sua família! Era o pranto das crianças

pobres que tinham fome e não tinham festas! Era o rouco stertor da suicida que sem um olhar para o céu, exhalava o ultimo suspiro, deixando correr uma lagryma que a morte enxugava com seus avidos dedos. Eram enfim... as dores de amor que, por serem passageiras, não ás vezes menos profundas. (CHRYSANTHÈME, A Imprensa, 26 de dezembro de 1907)

Após esse início na vida cronística, passa a escrever colunas regulares, ao longo de sua vasta carreira, para inúmeros periódicos, o *Correio Paulistano*, O Paiz, o *Diário de Notícias*, a *Gazeta de Notícias*, o *Mundo Literário*, a *Ilustração Brasileira*, a *Única*, o *Cruzeiro*, além de a *A Imprensa* já citada.

Além desses periódicos, publica dezesseis títulos; dentre eles, há contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Consta, também, de nosso levantamento, a encenação de uma de suas peças no Teatro Regina pela Companhia de Eugênia e Álvaro Moreyra. (MAGALHÃES JUNIOR, 1959, p. 50) e a sua constante presença como conferencista nos salões da época.

Apesar de sua labuta literária e da constante procura pela atualização, por viver o seu tempo, os seus contemporâneos, pelo menos os críticos, souberam ser bastante mordazes em seus comentários. Só não sabemos se o preconceito era por ela ser mulher ou por viver da pena ou pelos dois. Não podemos esquecer-nos que a crítica de então primava pelo biografismo. Observemos as palavras de Humberto de Campos (1951, p. 273) sobre a nossa escritora:

A Sra. Chrysanthème tem passado a sua vida de letras a escrever crônicas para jornais. O seu estilo, pela continuidade do exercício, afeiçoou-se a esse gênero literário. E é nesse estilo singelo, rápido, sem rebuscamento de frases, às vezes descuidado em demasia, que nos dá o seu romance.

Crítico tão preconceituoso não podia aceitar que a fragmentação e o referido descuido na linguagem fossem opções conscientes de estilo da própria escritora. *Chrysanthème* não se furta a experiências estilísticas ou temáticas, não se cala diante das situações que presencia e, principalmente, não se esquece de sua condição de mulher, combatendo sem tréguas o discurso patriarcal e criando espaços (crônicas) para o registro, fugidio que fosse, das cenas e personagens de seu tempo. Claro está que o cânone não podia perdoar tais afrontas..., sendo sua memória, convenientemente, apagada dos registros oficiais.

Recolhemos alguns comentários de Humberto de Campos (1951, p. 52) sobre o romance *O que os olhos não vêem*, para ilustrar como *Chrysanthème* acabava por incomodar a seus pares, fosse pela temática abordada ou como figura pública.

Antes de examinar a obra como literatura, conviria, talvez estudar o tema, sob o ponto de vista moral. (...) E como o que a crítica procura é a verdade e não a dialética, eu prefiro, no caso, utilizar as minhas reflexões pessoais isentas, por enquanto fora de suspeição. Na minha opinião, o que determina a infelicidade infalível no amor é o modo diverso por que a mulher e o homem o interpretam e o lugar que ele ocupa na vida de cada um.

O crítico, nesse artigo, insinua certa leviandade e excessivo partidarismo feminista nos escritos de *Chrysanthème*, levando-nos a pensar até que ponto havia em seus escritos a isenção apregoada. Por que será que a construção de personagens masculinas com características de vilania o incomodavam tanto? Por que será que a procura pela felicidade fora dos sacrossantos laços do casamento o irritavam de tal maneira? Será que a intenção clara de escrever história diferente da oficial e constituir novas memórias para as gerações futuras seria pecado tão vil? Ouçamo-lo mais uma vez:

Mais importante do que isso é, evidentemente, a liberdade de expressão que a Sra. Chrysanthème (...) permite aos seus personagens (...) A Sra. Rosalina

Muniz Pereira, não obstante a condição que alardeia, de antiga barônea, dama dos melhores círculos cariocas, é tão desenvolta nas palavras que muita gente preferiria, talvez, tratar com sua cozinheira. (CAMPOS, 1951, p. 56)

O crítico não permite a *Chrysanthème* nem a liberdade vocabular com que brinda as suas personagens. Ele não admite que a proposta de desconstrução da linguagem seja consciente, como exercício de liberação das mulheres de sua tão afamada docilidade, mesmo que lexical. Desgostavam-lhe todos os arroubos da escritora, mas ela não lhe dava tréguas e a guerra estava declarada:

Espantado com a linguagem dessa bulhenta senhora, eu tive oportunidade de comunicar, verbalmente, á ilustre escritora a minha estranheza. Ela teve, porém, a bondade de explicar-me, prontamente: – Pois, não se espante não. As mulheres que eu descrevo são apanhadas ao vivo. (CAMPOS, 1951, p. 57)

Aqui a fala de *Chrysanthème* faz tácita alusão à idéia de construção de uma memória feminina coletiva que pudesse responder ao discurso vigente. Ela tinha de registrar essas histórias (memórias) pessoais, buscando a construção de uma imagética comum.

Chrysanthème, por exemplo, não se negou a prestar sua contribuição à causa e pagou seu preço: a crítica feroz e, conseqüentemente, o esquecimento. Ela ousava ser diferente demais para um tempo em que os “*quadros sociais*” (HALBWACHS, 1990) estavam na ordem do dia.

A crítica da época não podia admitir uma mudança radical de estilos, principalmente, em uma senhora. Um recrudescimento temático ou mesmo uma certa franqueza na abordagem das matérias seriam (e foram) rechaçados pela maioria dos críticos de então, ratificando a idéia de que naquele período se primava por atar obra literária à biografia do autor e, mais especificamente, ao gênero.

Uma mulher daquela época poderia intuir que a memória coletiva é constituída das várias memórias individuais e isso se poderia representar pela crônica. No entanto, ser respeitada intelectualmente seria batalha que não encontraria muitos aliados. Para Cecília não foi diferente, mesmo fiel às suas lutas, não escapou de ter que utilizar um pseudônimo *Chrysanthème*, adotado de personagem de um autor francês. Houve a necessidade de um novo batismo para que pudesse atuar nesta ordem patriarcal e cerceadora. Mas o que para ela foi um esconderijo, para nossa leitura, é uma indicação preciosa, pois assinala uma educação esmerada, inclusive da língua francesa, e uma consciência sobre as modas da Europa. *Chrysanthème* observava o que lhe ia pela frente, assimilando aquilo que lhe interessasse, sem se render à sedução da coqueteria:

É preciso, entretanto, que a cultura do espirito acompanhe a beleza, porque, senão, esta seria de uma estatua sem vida e sem fulgor. Quando conversamos com uma mulher culta, sentimos que a sua sedução é duplicada quando ella trata de um assumpto intelligente que a interessa, porque lhe brilham os olhos, se lhe animam as faces e todo o seu corpo desprende fluidos possantes e suggestivos. Por isso digo que a saude e o espirito são necessarios para o pleno desenvolvimento das graças de uma mulher. E a moda de hoje? Como estamos longe della! A moda de hoje é deliciosa como será a de amanhã, se usada por uma linda mulher.
(CHRYSANTHÈME, O Paiz — 15 de junho de 1914)

Escolhemos esse texto além da motivação crítica, porque é com ele que *Chrysanthème* inaugura sua coluna, chamada “Palestra Feminina”. Há contribuições anteriores que remontam a 1907, em *A Imprensa*, mas, a partir desse momento, ela consegue imiscuir-se no meio jornalístico com regularidade hebdomadária. Quase todas as segundas-feiras, lá estavam os textos da autora em *O Paiz*, de 1914 a 1939. Agora tinha acesso a um espaço de maior ação, mas também se colocava à disposição de todos os seus desafetos, fato que perdurou por décadas em todos os periódicos em que veio a publicar. Mesmo quando era reconhecido algum valor em suas obras, acabavam por depreciá-la em seguida.

Humberto de Campos acredita no *discurso*, crê que as posições nos quadros sociais (HALBWACHS, 1990) são imutáveis e que a história é unívoca; ele reproduzia o ideário do período, portanto podemos ser indulgentes e absolvê-lo. Afinal, ele não vive a nossa era de reconstrução das memórias.

Entretanto era insistente a nossa escritora e, em lugar de esmorecer, com as duras palavras de seus pares, procurava sempre novas frentes de atuação, como por exemplo sua campanha pelo ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras. Dessa vez, estava em combate com oponente feroz, Lima Barreto. Segundo Nelson W. Sodré, (1977, p. 287) ele [Lima Barreto] “mostrava as razões sociais da degradação da mulher e combatia as borra-botas feministas que há por aí e seus partidos de cavação”, constantemente. São conhecidas as suas posturas em relação às ligas feministas em geral e, sendo assim, não se absteria de defender o Panteão Sagrado das Letras de uma insurreição de mulheres. Cabe a ressalva de que não apontamos misoginia no caráter de Lima Barreto, mas sua aversão às discussões feministas burguesas são conhecidas (RESENDE, 1995)

A vida de *Chrysanthème* é quase metonímica em relação à história das mulheres: avanços e recuos; saídas e retornos à casa; louros e achincalhes. Testemunha a nosso favor, a freqüente menção ao nome de Alcindo Guanabara como seu protetor, insinuando que ela só trabalhava na imprensa por receber favores do jornalista e, claro, por também cedê-los, como se atesta nas citações relacionadas.

Escravizou o coração de Alcindo Guanabara, nos seus últimos anos de vida, e escreveu principalmente em jornais em que o grande jornalista e político teve grande influência, como “A Imprensa” e “O País”. (MAGALHÃES JUNIOR., 1959, p.49)

Não bastassem seus escritos e as lutas em que se metia, *Chrysanthème* ainda tinha uma vida particular atribulada. Mantinha uma relação com um homem público e com família constituída e abandonara um casamento. Criticava o que e a quem podia, nenhuma instituição estava a salvo de sua pena ferina, como vemos em trecho de crônica sobre o matrimônio:

O casamento sempre foi um círculo vicioso e o moderno, então, um espectáculo curioso para os nubentes, as testemunhas, o juiz e o povo. Actualmente, marcado o acto mezes ou annos antes, não raro deixa de comparecer o noivo ou a victim. E os convidados, nas suas toilettes de gala, esperam em vão pela cerimonia ou pela subida da téla, que lhes mostrará os heróes, decididos a suportar juntos a vida cara, o pão mesquinho, o calor e o frio. Aqui, ali e acolá, um ou dois combatentes brilham pela ausencia. Pela falta de coragem hesitam em carregar a santa cruz do matrimonio. (CHRYSANTHÈME, O Paiz — 17 de outubro de 1937)

Ao comparar-se o período em que *Chrysanthème* permanece publicando nas páginas dos periódicos nacionais — de 1907 a 1948 —, com o do falecimento de Alcindo Guanabara, em 20 de agosto de 1918, comprova-se que não procedem as acusações de que ela só estaria na imprensa pela interferência dele. Se ela se manteve durante tantos anos nas redações dos jornais e revistas após o falecimento dele, cremos que possuísse valor pessoal suficiente para tal. Principalmente, se observarmos que, ao longo de sua história, ela tenha escrito em várias colunas diferentes.

Chrysanthème observa e, mesmo, perscruta a sociedade e seus costumes. Trata, eminentemente, dos direitos sociais e das hipocrisias circundantes através de sua lente mágica de aumento. *Chrysanthème* foi alguém que teve coragem de viver a vida e conseguiu, além disso, achar um jeito de contá-la.

As palavras borradas, apagadas, carcomidas até, ainda têm a força dos primeiros tempos; permanecem extremamente atuais e compreensíveis para nossos olhos. Infelizmente, se pensarmos que as questões levantadas pela autora já poderiam ter sido resolvidas ou, pelo menos, amenizadas nestas décadas que nos separam, entristecemos-nos. A miséria, a seca, a má distribuição da renda *per*

capita, a busca feminina de igualdade de direitos com os homens, a reforma educacional, as guerras, o desemprego, a fome, a valorização exacerbada do produto externo em detrimento do nacional, a infra-estrutura das cidades são apenas alguns dos temas caros a esta senhora do início do século XX, que ainda ecoam em nossas vidas de final do milênio. Será que estamos tão afastadas assim? Será que se tratam de registros da memória carioca? Infelizmente, nos parece que essa memória está muito presentificada nas histórias atuais.

De toda a forma, *Chrysanthème* não consegue ficar alheia ao sofrimento que a circunda, busca as campanhas, mesmo quando afirma não fazê-las:

Muitos pais de alumnas da Escola Normal mandaram-me por carta a sua adesão e o seu applauso ao que elles chamaram a minha campanha contra a sobrecarga dos programmas dessa escola. Antes de tudo devo accentuar que não fiz, não faço e não farei campanha. Nem meto isso no meu temperamento, nem nos moldes desta columna ligeira, onde mal registro os factos que me impressionam e lanço notas á margem das occurencias que nos enchem a vida. (CHRYSANTHÈME, O Paiz, 28 de dezembro de 1915)

Nossa escritora ainda acreditava neste momento que o professorado era um dos caminhos mais acertados para a profissionalização da mulher, fruto da ratificação de uma memória feminina na âmbito da profissionalização. Não a olhemos criticamente, afinal ela estava em confluência com o discurso feminista de então: a educação deve ficar a cargo das mulheres, pois é uma extensão natural do trabalho doméstico.

Partindo da tese de Maurice Halbwachs (1990, p. 26) de que nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, podemos afirmar que as memórias das mulheres são uma construção coletiva, bem como a sua história. O domínio patriarcal contribuiu para a permanência de uma memória que mostrasse a mulher como objeto de uso e abuso de mecanismos opressores. As salas de aula, assim como o assistencialismo, foram as primeiras portas encontradas pelas precursoras para tentar minimizar as marcas dessa memória coletiva (de opressão) construída. O raciocínio feminista de primeira geração no Brasil, em geral, desejava empreender transformações a médio e a longo prazos; e, estando as mulheres à frente das salas de aula, poder-se-iam paulatinamente incutir nas *cabecinhas* dos alunos novas tendências e com isso modificar as estruturas sociais estagnadas, escrevendo memórias inéditas.

O pensamento, podem alguns afirmar, é datado, mas ainda estamos em 1915 e para a época é extremamente audacioso. Mal tínhamos alcançado o século XX e uma mulher se arrisca a perder seu espaço (no jornal) tocando em temas polêmicos de forma direta e sem gongorismos. Ela busca reescrever pouco a pouco os *quadros sociais* (HALBWACHS, 1990), como podemos ratificar na citação a seguir, já em 1925.

Diz um escritor afamado que, quando as senhoras se juntam para prosar, preside sempre a esse encantador e feminino cenaculo, o bello e ardiloso Lucifer, de olhos de brasa e dentes em ponta. Silencia, porém o mesmo referido escriptor a sua opinião, quando se trata de declarar qual o presidente do “clan” daquellas que trabalham. Precisamos, pois, nessa hora seria, em que surge “A UNICA”, revista somente composta de damas, vibrantes de sincero aneio de acertarem, escolher depressa o santo magnanimo que patrocinará essa prova real de que as mulheres hodiernas não se limitam a falar, mas tambem a agir. Estavamos deveras fatigadas de revistas e jornaes masculinos, em que o sexo barbado impõe solene e autocraticamente os seus decretos, nem sempre apreciáveis, justos ou logicos.

(...)

NA UNICA, variadas e fortes mentalidades de senhoras se expandirão livremente, sem a tutela ou conselhos masculinos... (UNICA, 10 de julho de 1925)

Com o passar dos anos, *Chrysanthème* vai acompanhando as modificações da sociedade e passa a exprimir novas reflexões sobre a presença (e a permanência) das mulheres no mercado de trabalho, assim como vem a sustentar várias vezes a competência feminina para decisões e discussões em todos os âmbitos. Declarou, às vezes de forma dissimulada, às vezes de maneira contundente, que não havia tema ao qual a inteligência das mulheres não pudesse alcançar, antecipando memórias femininas mais recentes de nós.

Percebe, no sentido bergsoniano, que se deve mostrar, escondendo-se... Afinal, não seria habilitoso de sua parte agredir violentamente as estruturas estabelecidas, tendo em vista que “a percepção e, ainda mais profundamente a consciência, derivam, para Bergson, de um processo inibidor realizado no centro do sistema; processo pelo qual o estímulo não conduz à respectiva ação.” (BO-SI, 1994, p. 44) No entanto, nossa cronista era combativa por demais para manter-se muito tempo no campo da especulação filosófica, mais adequado seria aproximá-la das histórias das (diferentes) mulheres de seu tempo e ampará-la no ideário do coletivo, ou ainda, em suas palavras:

Recordar é viver, disse poeticamente, certo fazedor de frases, que, como é natural, disse-o para o próximo e, nunca, para si mesmo... (CHRYSANTHÈME, Diário de Notícias, 10 de janeiro de 1937)

A defesa dos direitos da mulher estaria sempre presente em seus papéis, mesmo quando sob ótica dissimulada, pois não poderia torná-la demasiadamente panfletária com o risco de comprometer a credibilidade dos ideais ou o registro de seu momento. Acreditava que a melhor maneira de inscrever-se (e as outras) na sociedade era mantendo-se atenta a tudo que fosse *questão do dia* (expressão utilizada com frequência como título de suas crônicas), registrando no breve espaço das suas crônicas as diversas falas (e memórias) daquelas a quem observava.

Muitos anos antes de serem ouvidas discussões sobre a pós-história, nossa cronista já expunha suas idéias, bastante contundentes sobre aqueles que estavam fora da cena principal, os excluídos: no caso, as mulheres. Entretanto, não só das mulheres se ocupava a memória dessa cronista, como atesta o fragmento a seguir:

Ninguém me pediu a opinião sobre o hebdomadario “D. Casmurro”, mas contemplando o seu feitio diverso dos demais e o esforço... ousado dos meus ilustres colegas, mulher que sou, não pude guardar silêncio. Assim, com os três numeros de “D. Casmurro”, deante dos olhos, decido-me a transcrever sobre este papel o que se gravou nas cellulas do meu cerebro ao percorrel-os. Primeiro que tudo preciso dizer a minha grande pelos audaciosos companheiros, que não hesitam em lançar um jornal, numa época em que a política ferve, os animos explodem em palavras, os interesses se contudem e os homens correm a caça do poder e da ambição. Essa ousadia de planar acima do que actualmente enfebrece os individuos, olvidados da patria e concentrados na idéa pessoal do se aproveitarem do momento e da vaidade humana. Despertou a minha supresa, mesclada de prazer. (CHRYSANTHÈME, Diário de Notícias, 30 de maio de 1937)

Contudo, a entrada no mercado de trabalho, necessidade do coletivo feminino, devia-lhe ocupar novas páginas. Ela acreditava que a expansão do mercado às mulheres dependia das transformações no comportamento feminino brasileiro, que ainda estava muito aquém das conquistas estrangeiras. A partir desse momento, *Chrysanthème* percebe que não mais a sala de aula era o melhor caminho para as mulheres; seu discurso passa a entrar em sintonia com as transformações de suas companheiras de além-mar, levando-a a uma mudança de foco no tocante ao trabalho feminino: suas conterrâneas deveriam educar-se e atualizar-se para os novos tempos. Desde que não sejam tempos continuados e intactos, sem quaisquer possibilidades de ruptura e fragmentação, ao que Bergson (1990) chama de imagem-lembrança. A vida deve ter um quê de insólito e um tanto de inconstância, como nos atesta esta passagem a respeito de Gilka Machado:

Toda a creatura profundamente intelligente é uma insatisfeita e uma incompreendida. O desprezo sorridente que lhe merece a vida, a humanidade e as coisas, impede-a muitas vezes de dizer o que sente, o que deseja, o que espera. Tem sempre misturado com o sorriso convencional que lhe entreabre a curva dos labios ironicos, um gosto de morte, que a faz calar e mal exprimir, quando, por acaso, quer romper o seu silencio. Enquanto os simples, os felizes da vida, aneiam, aspiram e luctam continuamente, essas creaturas, um pouco desequilibradas pela grande dóse de intelligencia que a natureza lhes concedeu, agitam-se, perturbam-se, soffrendo muito, analysando tudo, e não possuindo nada. Gilka deve ter uma alma assim: nada lhe deve ser indifferente em torno della; deve soffrir quando as coisas lhe agradam e quando ellas lhe desagradam. (CHRYSANTHÈME. O Paiz, 07 de fevereiro de 1916)

Várias são as temáticas que colhe para registrar, a guerra, por exemplo, é uma delas, questionando o discurso de que seria feita pelos e para os homens. Apresenta, inclusive, a inversão do discurso do sofrimento, tratando sob a ótica inovadora dos que ficam na terra, ou melhor, daquelas que suportam a dor de ver seus entes queridos partindo e o medo da invasão, outra forma de apontar a memória coletiva feminina. Ao mesmo tempo, *Chrysanthème* não se furta a mostrar a força das mulheres na garantia da sobrevivência da família e do próprio Estado durante os tempos belicosos:

Sim, as mulheres devem ser ouvidas, porque certamente sendo as primeiras victimas – e as victimas indefesas da guerra, ellas têm o direito de se pronunciarem, nem que seja sómente para aconselhar aos homens que dellas dependem que esqueçam a exuberancia e a ambição tão communs no sexo, que não sei bem porque appellidam de forte, e tenham criterio, energia e continuidade nas acções. E depois, a insuspeição feminina é a unica verdadeira e completa, não tendo, como têm os homens, o objectivo da lucta travada, do orgulho triumphante, do valor aclamado ao som do clarim de guerra. Para a mulher, na guerra, só existem o sacrificio, o soffrimento, a dôr. Quer ella fique em casa, quer ella vá para a Cruz Vermelha, só a dôr a acompanha, só a morte a envolve. (CHRYSANTHÈME, O Paiz, 12 de novembro de 1917)

Esse trecho selecionado, além de demonstrar seu conhecimento da situação bélica da Europa, nos apresenta simultaneamente a (re)visão da autora sobre o comportamento *adequado* da mulher na sociedade, questionando a permanência de uma memória que mostra a mulher com atitude infantilizada e subserviente. Certamente seus textos feriram os ouvidos de muitos, que não aceitavam que ela se imiscuisse em questões tão *delicadamente* masculinas. Por esse motivo, *Chrysanthème* passa a aperfeiçoar uma técnica de dissimulação: publicava textos polêmicos, mas sempre encontrando uma maneira de parecer subserviente, disfarçando suas intenções de desconstruir a memória coletiva que tinha sido construída.

A história de cada um é face da história do conjunto e no que concerne ao coletivo não se pode falar em conjunto vazio, muito menos em conjunto unitário. Em muitos escritos, encontramos esse procedimento de dissimulação frente a distintos assuntos: assume-se como mulher e, portanto, desinformada e humilde. Apesar de todos os questionamentos que lança, está sempre dizendo algo como: “Livre-me Deus da tentação de penetrar os mysterios e as intrigas da politica.” (*O Paiz*, 30 de abril de 1917), indicando uma veia irônica que mais tarde se tornaria ainda mais mordaz. Não obstante suas palavras, o que ela está em verdade tecendo não é a sua (nossa) história que faz parte da história geral?

Nessa direção, esforçava-se por abrir espaços para que as histórias de cada uma das mulheres pudesse fazer parte da história geral, ou seja, questionar as necessárias transformações nos imaginários masculinos e femininos de então. Convinha, por exemplo para fortalecer essa quebra de paradigmas, o estabelecimento de condições de trabalho para as mulheres.

Ao mesmo tempo que *Chrysanthème* se entrega ao compromisso com os direitos trabalhistas femininos, não se deixa cair na esparrela de defender qualquer uma, pelo simples fato de a esse grupo ela pertencer. É a memória individual aparecendo para questionar os desvarios da coletiva, em alguns pontos. Ninguém a poderá acusar de falta de critérios. Bater-se-á, mas por aquelas que do trabalho necessitam e não pelas que dele fazem galhofa ou ocupação momentânea: “Estas adoptaram sómente essa nova fôrma de chiquismo, como acreditadas mais interessantes e mais lucrativas no seu grande e arduo trabalho de seducção ao homem” (O Paiz, 29 de setembro de 1919). Também não compactua com as mulheres que não encontram alegria no trabalho realizado, pois invejosamente gostariam de estar no lugar das privilegiadas que vão aos cinemas e às vitrines. Aquelas são ainda piores do que estas, pois não honram as lutas pela entrada no mercado e descontam sua amargura no dia-a-dia, destratando ou infernizando a todos:

Eu sempre prestei uma grande homenagem á creatura do sexo ‘soi disant’ fraco, mas que o torna forte pela utilidade do seu viver, pela galhardia com que maneja a espada contra a ociosidade. Sómente, se esse trabalho é despendido entre flatulencias azedas de má digestão, entre bocejos de fadiga, resultado de fraqueza physica ou moral, eu julgo a elevação da mulher a esse posto de sacrificio, a verdadeira calamidade para os que são obrigados a dirigir-se a ellas. Não vamos com tanta sêde ao pote ou o pote se quebrará e nós nos engasgaremos com os cacos ou com a agua. (CHRYSANTHÈME, O Paiz, 11 de julho de 1921)

Chrysanthème escolhia as lutas por que ia bater-se, mesmo que os direitos das mulheres estivessem envolvidos. Assim foi com a campanha que empreendeu para a entrada das mulheres na Academia Brasileira de Letras, enfrentando nomes de monta na época por acreditar na relevância da questão. Esta contenda, citada anteriormente, valeu-lhe a antipatia de nomes como o de Lima Barreto, além dos desafetos que já possuía.

Autor(es)

¹ **Maria PINTO, Profa. Dra.**

Universidade Estácio de Sá (Unesa) e Instituto Superior de Educação (ISE)
ml_melo@ig.com.br